

TEXTURAS, CORES E SENSAÇÕES: EXPERIÊNCIAS ATRAVESSADAS PELO CONTEXTO PÓS-ENCHENTE

GABRIELLY JESUS DE OLIVEIRA¹; MAYARA BENJAMIM DE OLIVEIRA²;

ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES³

¹*Universidade Federal do Rio Grande – deoliveira.jgabrielly@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande – mayarabenjamim11@gmail.com*

³*Universidade Federal do Rio Grande – acarmogg@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho emerge a partir das experiências como bolsista no Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, programa de extensão, ensino e pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande - FURG que atua de forma indissociável entre essas três dimensões. O NEPE constitui-se como um espaço de formação inicial e continuada na área da educação da infância, promovendo encontros entre professoras e estudantes da graduação e pós-graduação para estudos, planejamento, organização de ações e reflexões coletivas.

Dentre as ações desenvolvidas na esfera do núcleo, destaca-se o projeto de extensão que contribuiu para esta escrita, intitulado “Dos locais de abrigo ao retorno às escolas: mapeando impactos e implementando ações nas escolas de Educação Infantil atingidas pelos eventos climáticos no RS”, realizado no contexto dos eventos climáticos ocorridos em maio de 2024, que assolaram o estado do Rio Grande do Sul. Esse projeto, articulado com o Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho - FEIESG, a Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA e a Secretaria Municipal de Educação do Rio Grande - SMED, buscou apoiar escolas afetadas pelas enchentes através de ações de acolhimento, entrega de materiais educativo-pedagógico, sobretudo livros literários infantis, adquiridos por meio de doações e formações pedagógicas.

Também integrou a Campanha Nacional “Acolha uma Escola de Educação Infantil no RS”, promovida pelo Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil - MIEIB, com foco na reconstrução de vínculos e reorganização das rotinas escolares no retorno às atividades presenciais.

Durante as visitas às escolas, uma das propostas apresentadas foi a oficina de criação de massa de modelar caseira. A experiência evidenciou como, desde muito cedo, as crianças encontram-se imersas em lógicas sociais que valorizam a manutenção de uma “infância limpa”, na qual se sujar é rapidamente associado à necessidade de se limpar ou à dúvida sobre se a ação é permitida. Essa percepção remete à forma como concepções adultas sobre cuidado e ordem, acabam muitas vezes de forma sutil, orientando o cotidiano das crianças e influenciando a maneira como elas se relacionam com o brincar e com seus próprios corpos.

A reflexão aqui apresentada ancora-se na compreensão da criança como sujeito histórico e de direitos que, nas interações e práticas cotidianas, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brincando, imaginando, fantasiando, desejando, tal como expressam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é afirmar uma prática educativa alinhada aos princípios éticos, políticos e estéticos da Educação Infantil, recusando tudo o que se distancia dos eixos que fundamentam seu currículo: as interações e a brincadeira. Buscamos, assim, garantir às crianças momentos que, conforme as DCNEI, favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical (BRASIL, 2010).

2. METODOLOGIA

Ao longo do segundo semestre de 2024, no contexto do projeto de extensão desenvolvido após as enchentes que afetaram o estado do Rio Grande do Sul, realizamos visitas às escolas de Educação Infantil da rede pública municipal. O planejamento das ações ocorria coletivamente nos encontros do núcleo, realizados três vezes por semana, no período da tarde. Nesses encontros, bolsistas e professoras discutiam as propostas, definiam objetivos, organizavam os recursos necessários, e posteriormente realizavam avaliações referentes às propostas.

As ações envolviam uma sequência composta por uma apresentação teatral com percussão corporal, seguida de uma proposta pedagógica construída para dialogar com a história contada, como uma tarde brincante, confecção de massa de modelar caseira ou a criação de varinhas mágicas com gravetos, cola e glitter. No entanto, este trabalho concentra-se na oficina, que teve como proposta a confecção de massa de modelar caseira. Para a atividade, dispúnhamos mesas com bacias para que a mistura dos ingredientes fosse feita em conjunto com as crianças. Utilizamos farinha de trigo, água, sal e óleo, cada um em quantidade específica, e, quando a mistura atingia o ponto de não grudar mais nas mãos, separávamos em porções individuais para que cada criança pudesse tingir com tinta ou adicionar glitter da forma como preferisse.

A disposição dos materiais também provocava estranhamento, pois deixamos as crianças livres para manipular e misturar, mesmo que algum ingrediente fosse colocado em excesso. Nessas situações, instigávamos que pensassem em como “consertar” a massa, por exemplo, se houvesse água demais adicionar farinha. Aos poucos, as crianças percebiam o que era necessário a partir da textura: pegajosa ou seca demais. São apreensões sensoriais que apenas o tato, a investigação e o contato direto com os elementos permitem. Como lembra GOBBI (2010, p. 6),

[...] tintas variadas, compradas ou feitas na unidade educacional, encorajam as lambuzagens tão caras a todos, delineando percursos de buscas pelas cores, pelas misturas, pelas formas, sem esquecer que, entre os pequenos, o corpo é um dos suportes sobre os quais as tintas podem ser usadas criando novos modos de exploração e interação.

A intencionalidade da atividade esteve em proporcionar às crianças a possibilidade de manipular os ingredientes, observar as transformações da mistura e participar de todo o processo de criação, potencializando a exploração sensorial e a curiosidade investigativa. Essa proposta dialoga com o conceito abordado por BARBIERI (2021) sobre “estar em estado de ateliê”, um estado laboratorial que traz vitalidade à vida. Como afirma a autora:

É dar credibilidade ao que diz o corpo ao mexermos na massa informe, ao sentirmos sua umidade, elasticidade limitada, sua

densidade escorregadia, seus pedaços feitos de pó, sua maleabilidade.

A avaliação foi conduzida de forma qualitativa, por meio da observação das interações, falas e expressões das crianças durante a experiência, complementada por registros escritos e fotográficos que posteriormente subsidiaram reflexões coletivas no núcleo. Após cada visita, conversávamos sobre as nuances que chamavam atenção, e, de modo geral, as percepções das bolsistas se voltavam à lógica higienista presente no cotidiano escolar, um senso de limpeza que, muitas vezes, não pertence às crianças, mas aos adultos.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Atualmente, este projeto de extensão desenvolvido no período pós-enchente, encontra-se finalizado. No entanto, permaneceram para nós, bolsistas, as reflexões profundas acerca do que foi vivido. Uma das aprendizagens mais significativas foi compreender a importância de possibilitar às crianças experiências de corpo inteiro, nas quais o processo vale mais do que o produto final. Esse entendimento nos impactou de forma decisiva, pois nos faz perceber que a intencionalidade de uma proposta pedagógica não se define unicamente pelo êxito em atingir um objetivo pré-estabelecido, mas pela qualidade e significância da experiência vivida pela criança. Segundo HAWKINS (2016, p. 93), respeitar as crianças é mais do que reconhecer as suas potencialidades no abstrato, é também buscar e valorizar suas realizações – por menores que pareçam diante dos padrões normais dos adultos. Reconhecer isso fortalece nossa formação inicial, ajudando-nos a cultivar um olhar mais sensível, crítico e coerente com os princípios da Educação Infantil.

Essas reflexões impactaram significativamente o nosso olhar diante dos desafios encontrados, especialmente no que se refere a preservar o direito das crianças de vivenciarem as experiências em sua inteireza, por completo, de corpo inteiro, e não apenas com as pontas dos dedos. Afinal, “as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas” (GOBBI, 2010, p. 1).

4. CONSIDERAÇÕES

Desde o início, quando elaboramos os planejamentos das ações a serem enviados às escolas, tínhamos como objetivo oportunizar às crianças vivências alusivas às múltiplas linguagens, e acreditamos que esse propósito se cumpriu por completo. Na experiência relatada, mesmo que lhes seja inculcado algo que não lhes pertence, como a lógica higienista dos adultos, as crianças reagiram de forma muito diferente: mostraram-se curiosas sobre que tipo de experimento era aquele, observando como a mistura ia mudando de textura conforme acontecia a reação entre os elementos. Vibravam quando propúnhamos a adição de tinta e se encantavam ainda mais quando acrescentamos glitter. À medida que a mistura ganhava consistência, chamavam-nos para olhar, explicar suas escolhas e justificar porque haviam colocado determinadas cores. Mesmo sob os olhares dos adultos, sustentados por uma lógica higienista que insiste em controlar e evitar a sujeira, as crianças permaneceram curiosas e expressivas, como são naturalmente.

Essas experiências nos mobilizam a analisar nossas práticas de forma crítica, problematizando concepções ainda impostas à infância, como a ideia de uma criança limpa, disciplinada e constantemente controlada. Ao refletirmos sobre isso, compreendemos que tais concepções limitam as múltiplas possibilidades de

expressão e descoberta das crianças, impedindo que elas se desenvolvam integralmente, como está assegurado no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996).

Com essas práticas, seguimos refletindo em nossos encontros no NEPE sobre os efeitos das experiências e as temáticas que emergem dessas práticas. O trabalho segue em andamento, entrelaçando teoria e prática, e abrindo caminhos para novos estudos sobre as infâncias. Destacamos que a autonomia confiada a nós, bolsistas, pelas professoras integrantes do NEPE, é fundamental para que possamos percorrer esses processos de forma ativa e crítica. São encontros de partilha e reflexão que fortalecem nossa formação inicial enquanto estudantes da graduação em Pedagogia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Stella. Experiência estética. In: **TERRITÓRIOS DA INVENÇÃO: ateliê em movimento**. 1. ed. São Paulo: Jujuba, 2021. p. 11 - 33.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2010, Seção 1.

GOBBI, Márcia. *Múltiplas linguagens de meninos e meninas na Educação Infantil*. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

HAWKINS, David. A história de Malaguzzi, outras histórias e o respeito pelas crianças. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. v. 2. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 88 – 94.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.